

VALE DAS SOMBRAS

O Cemitério das Almas

Edição comemorativa do segundo aniversário
do Vale das Sombras

RAFAEL
FERREIRA 08

O VALE DAS SOMBRAS PELOS OLHOS DE ANARQUIA 89

Em maio de 2006, um grupo de amigos se reúne ao som de violões pelas ruas de Jabotão dos Guararapes. Embalados pelo Rock and Roll rasgado de Raul Seixas e pela música de “protesto e grea” do Barão Vermelho, em sua fase oitentista ainda com Cazuza, decidem ir á estúdio, apenas com a intenção de se divertirem ao som de seus ídolos.

Com apenas quinze dias de ensaio recebem o convite para tocar no Festival da Quadrilha Chiclete com Banana... E meio sem querer, a coisa ficou séria. Apresentaram-se pela primeira vez, no dia 17 de junho de 2006, a um público estimado em mais de mil pessoas, no bairro de Vila Rica, em Jabotão dos Guararapes.

Mas isso é outra história...

O tempo passou, conhecem Me Morte e o Vale das Sombras...

Aí deu rock na vela!

E hoje esses caras de talento falam um pouco dessa amizade:

Emerson Sarmiento(Vocalista):

Eu, como membro da comunidade “Vale das Sombras”, tenho conhecimento da importância Literária que a mesma transmite, e vejo também que no e – book não será diferente. Uma bela chance para quem quer mostrar sua arte ou apreciar a arte dos colegas. Agradeço a oportunidade da Banda Anarquia89 estar participando do e - book (Vale das Sombras), para nós já é um imenso prazer. Obrigado!

Ederson Souza(guitarra base):

Também fico agradecido por nos envolver no ambiente cheio de poetas e escritores tão dedicados a arte, assim como nós. Avante Vale das Sombras!

Elton Sarmiento(guitarra solo):

Primeiramente queria agradecer a oportunidade da Banda(anarquia89) de estar divulgando seu trabalho neste glorioso e - book, e também elogiar esse trabalho de tamanha importância que a escritora Me morte está fazendo. Valeu por nos conceder a chance de dar nossa opinião, e espero que a galera realmente goste do nosso som!

Fabio Martins(baixo):

Vale das Sombras, um recanto para quem é amante da poesia e da literatura, e obrigado Me Morte mais uma vez pela chance que você nos da para divulgarmos nosso trabalho. Grande Beijo!

Diego Henrique(Baterista):

Vamos desfrutar desse cantinho tão poético que a Me Morte nos proporcionou, e também divulgar nossa Arte que fazemos com amor e dedicação. E como todos, obrigado pelo espaço!



Anarquia 89

Site do cd:

www.bandasdegaragem.com.br/anarquia89

Orkut da banda(Anarquia89)Oficial:

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7785410710898577887>

Perfil II:

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=887707098523771377>

Anarquia89(OFICIAL):

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=14429525>

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO Componentes do Anarquia	89	02	O CRISTO ESQUECIDO Autor: Gustavo Soares de Lima	26
O SHOW NÃO PODE PARAR Autor: Adriano Siqueira		05	QUE DELÍCIA Autor: Gustavo Soares de Lima	27
FÚRIA, GRITOS E DORES DA ALMA Autora: Renata		08	QUEBRA-CABEÇA Autor: Daniel Portes	28
SUICÍDIO Autora: Renata		09	FRENTE FRIA Autor: Doctor	31
ÚLTIMA MORADA Autor: Darkness		10	ZÉ Autor: Glauber	36
MORBIDEZ Autor: Darkness		11	NOITE RUBRA Autora: Angela Oiticica	37
SEM LÁPIDE, SEM FLOR Autora: Leni Martins		13	REGISTRO CALOROSO DA VISITA DE UMA ALMA PENADA Autora: Rita Maria de Assis	39
PUNHAL Autora: Leni Martins		14	TRILHOS Autor: René Ociné	41
ALGOZ Autor: Marcus Gonzalles		16	A PORTA DO INFERNO Autor: Ruy Villani	43
NEFASTO Autora: Sirlei Lima Passolongo		22	EM PAZ Autor: Ruy Villani	44
MEU ÚLTIMO GRITO Autora: Sirlei Lima Passolongo		23	QUALQUER COISA DISQUE NOVE Autor: MaicknucleaR	46
MATA-ME Autora: Mali Ueno		24	O BAÚ Autora: Me Morte	48
VOCÊ Autora: Mali Ueno		25		

Idealização e coordenação editorial: Me Morte

Projeto Gráfico e editoração: René Ociné

Capa: Rafael Pereira

**Participação especial de autores membros do Vale das Sombras,
dando muito mais brilho a nossa comemoração.**

O SHOW NÃO PODE PARAR

Autor: Adriano Siqueira

“A polícia encontrou o garoto na banheira. Morreu afogado. Não existem provas sobre ele ter usado drogas, apenas a música da cantora Lisa Mayro, que estava no computador, tocava sem parar. Estamos tentando resolver este mistério e ajudar na investigação das outras 50 pessoas que morreram afogadas em apenas 10 dias.

Temos apenas a música da cantora em comum. Todos eles tinham uma cópia em mp3 que pegaram pela internet.

A cantora está presa e em custódia até que tudo seja resolvido. Ainda não sabemos porque só os homens que ouviram a música estão mortos.”

_Acordar com o rádio relógio, passando uma notícia dessas logo cedo, já indicava que o dia não ia ser muito bom.

Cara... Lisa era uma ótima pessoa e uma cantora. Ela deu uma tremenda força para a minha namorada Helena e colocou ela pra cantar no coral do seu conjunto. Acho a maior injustiça o que estão fazendo com a cantora, mas tenho certeza, que tudo se resolve.

Minha namorada deveria estar muito triste. Eu não a culpo. Afinal era a sua primeira aparição cantando no coral, desta música. A estreia do CD era pra hoje, mas foi adiado, por causa da cópia em mp3 que colocaram na internet.

Por isso eu ainda não ouvi. A música parece que está proibida até resolverem este mistério.

Chegando na casa da Helena que era na beira da praia comecei a ter boas recordações.

Namorei com Helena muitas vezes sentado naquelas pedras mas hoje parece que nada daria certo, o seu pai estava na porta sentado no degrau da escada com as mão na cabeça.

_Temo pelo pior Jaime. Ele dizia com uma voz bem baixa.

Fiquei desesperado pensando no pior, pensando que ela poderia se matar por estar passando por está fase ruim.

_O que está acontecendo com a sua filha, senhor?

_Bom Jaime, ela vai embora. Está de mudança e vai morar com a mãe...

_Mas senhor? Isso é impossível! E a carreira dela como cantora? Meu namoro com ela? Meus Deus. Ela só tem 15 anos como pode deixa-la ir embora?

_Jaime. Eu sei o que devo fazer. Eu já deveria ter feito isso mais cedo, mas ela parecia ser normal só que depois que fez 15 anos ela ficou diferente. Por isso agora ela tem que ficar com a mãe. Ela vai embora para sempre. Alias... Ela já está partindo...

_Como assim? Ela teria que sair por esta porta... A não ser...

Sem terminar a frase, olhei para a praia e corri, conseguindo ver a minha namorada correndo ao encontro da sua mãe que estava nas pedras.

_Helennnaaaa!!!! Helenaaaaaa!!!

A mãe dela abraça Helena e o pai dela me segura.

_Helenaaaaa! Eu gritava como louco e me debatia com o pai dela.

_Deixe ela ir Jaime.

Eu assistia a tudo e nunca tinha visto nada igual em toda minha vida, estava com lágrimas nos olhos quando vi que a sua mãe tinha uma cauda enorme. Um peixe... Uma sereia. Ela agarrou Helena e pulou para o mar.

O Pai de Helena olhou para mim e disse:

_Jaime, este é nosso segredo... Ela nunca mais vai voltar. Ela agora precisa de água para sobreviver. O canto dela, nesta idade,

poderia matar muitos homens.

_Oh meus Deus. O senhor não sabe?

A música que ela gravou está na internet.



Adriano Siqueira

Adriano Siqueira se dedica há mais de dez ao universo dos Vampiros, como autor de diversos contos e crônicas, em especial, no ano de 1996 com a evolução da Internet conheceu muitas pessoas que admiravam este tema. Nesta época tinha amizades com jogadores de RPG e foi nesta mesma linha de tempo que começou a divulgar os contos. Depois de vários encontros com os contatos sua lista de leitores aumentou. Logo, se interessou em colocar seus contos em um site e, assim o fez. Criou em 2000 o site de Contos de Vampiros que hoje esta no blog:

[http:// contosdevampiroseterror.blogspot.com](http://contosdevampiroseterror.blogspot.com)

FÚRIA, GRITOS E DORES DA ALMA...

Autora: Renata

Cortei os pulsos

Agora só me resta contar

As gotas de sangue

Beleza que cai...

Vida que se vai...

Nas gotas de sangue

Bem – me quer...

Mau – me quer...

Bem – me quer...

SUICÍDIO

Autora: Renata

A fúria da tempestade
O grito do espectro
O lamento dos ossos
Apodrecendo na cova

A fúria da tempestade
O frio de minha alma
A alma se perde
Na fúria da tempestade

O grito da Banshee
O grito de minha alma
O espectro de cala
Na dor de minha alma

O lamento dos ossos
Os ossos apodrecem
Como apodrece o ódio
Que corrompe a minha alma



Renata Mattos

Renata Mattos é poetisa/contista. Até a presente data publicou os livros de poesias *Palavras Noturnas* e *Clara Alma Noturna*, de forma independente, participou da antologia de contos *A Palavra em Prisma*, com dois contos publicados: (*As Sombras* e *o Pintor*), é membro da ALGU - Academia de Letras do Guapira, e Membro - Fundadora da ALAL - Academia Livre de Artes e Literatura.

Fundou a D'MATTOS editora artesanal, especializada em pequenas tiragens

Além dos contos e poesia, também arrisca a dramaturgia, com uma peça escrita (*Adeus Adeuzita* - comédia).

ÚLTIMA MORADA

Autor: Darkness

Procurei pela PAZ!
Igrejas não a tinham
templos a ignoravam
centros a evitavam
os homens a rejeitavam.

Chorei a ausência do nada
o aborto do silêncio
a perda da inexistência
o morrer da solidão
perdi-me em meio à multidão.

Só quando cheguei ao vazio
entendi o eco da noite
não há segredo ou mistério
apenas PAZ e conforto
em minha última morada...
... Cemitério!!!!

MORBIDEZ

Autor: Darkness

Beijo a face da morte
Entrego-me a seus carinhos
Sou amante da noite (dor)
Não me afligem seus espinhos.

Sinto o hálito da solidão
Deixo que me aqueça
O frio não é maldição
Impede que a carne apodreça.

Ouço a lamúria da tristeza
Danço ao sabor de seu canto
Banha-me lágrimas doridas
Jóias de seu infinito pranto.

Vivo a incerteza do mundo
Desprezo sua hipocrisia
Mesmo o deserto mais sombrio
É mais verídico que o dia.

E se me aprisionam como louco
Roubo a sanidade alheia
Recebo com sarcasmo
A incompreensão que me golpeia.

Não sou santo ou demônio
Apenas uma alma a vagar
Um ser sem parada (afago)
Anjo impedido de amar.

Enquanto a humanidade padece
Sigo meu caminho sem viver
Sou apenas um lamento triste
Um eu entregue ao perene sofrer.



Darkness

Nascido Carlos Aparecido da Silva Abreu, em oito de dezembro de mil novecentos e sessenta e dois, na cidade de Taubaté, interior paulista.

Após iniciar sua jornada literária assumiu o pseudônimo de Carlos Asa.

Ainda estudante do curso de magistério, participou da organização de grupo de teatro estudantil tendo desenvolvido este trabalho durante cinco anos. Neste período exerceu as funções de ator, diretor, escritor e coordenador do grupo.

Trabalhando preferencialmente com peças próprias, priorizava a participação das crianças e jovens da escola objetivando sua socialização e desenvolvimento emocional.

Possui as seguintes obras concluídas:

- A Pequena Florista (Contos)
- Tharazini & Al-Baruck – Espíritos de Luz (Romance Espiritualista)
- O Bem Vence O Mal (Versões infantil, infanto-juvenil e teatro)
- Lágrimas & Sensibilidade (poemas)
- Darkness – Os Neófitos (Romance Gótico)

É casado pai de dois filhos e atualmente é servidor do Ministério Público do Estado de São Paulo.

Desenvolve ainda outros projetos literário em fase de conclusão:

- PI (Ficção Ecológica)
- Darkness – O Proscrito (Segunda Parte da Trilogia)
- Darkness – Aniquilação (Parte Final da Trilogia)
- Apocalipse I – O Semeador (Primeira Parte de outra Trilogia)
- Vampiros por Darkness (Contos)

SEM LÁPIDE, SEM FLOR

Autora: Leni Martins

Sepultarei este sentimento
Sem lápide , sem flor,
No mais profundo esquecimento
Sepultando junto
Toda minha dor.

Sepultarei
Minhas lembranças
E toda saudade que sinto de it...
No mais profundo esquecimento, no
Lamento de cada dia que perdi.

Sepultarei este sentimento
E junto dele minha esperança , minha ilusão
Sangrando a alma...
Feito lança fincando o coração.

Enterro-te , meu sentimento,
No poço fundo que me lançastes,
permaneça lá no fundo de onde saíste
E nunca mais me vem afligir.

Sepultando-te eu sobrevivo
Sem lamúrias...
Sem sofrimentos,
Encontrando minha luz,
Afugentando meu tormento.

Sepulto este amor
No mais profundo esquecimento,
Sem ressentimento.

Sem lápide , sem flor.

PUNHAL

Autora: Leni Martins

Beberei deste sangue
Que me escorre pelo peito
Numa taça de cristal quebrada,
Sobre o punhal de lamina afiada,
Que corta a alma , que Mata.

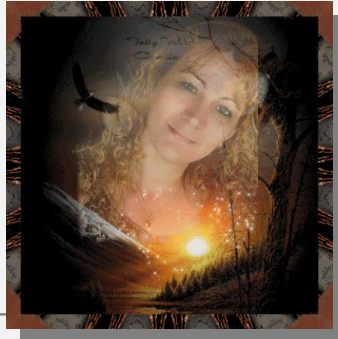
Resistirei à dor ,
Fincarei mais ainda
Para nunca esquecer o desamor.

Beberei deste sangue até a ultima gota
Para nunca esquecer tua traição.
Saciando minha Ira
Carregarei este punhal no coração.

Punhal de muitas faces,
Cortaste minha carne
Sem piedade, sem compaixão,
Sobressaltando do meu corpo
A cor vermelha espalhando-se pelo chão.

Lavarei minhas vestes brancas
Neste sangue derramado
Que tornar-se-á a mortalha
Deste corpo dilacerado.

És punhal
Em todos OS teus atos.



Leni Martins

Leni Martins:

casada 42 anos

Artista plástica (óleo sobre tela)

Sou Membro da academia brasileira de artes cultura e história(Casa da fazenda do Morumbi)

www.casadafazenda.com.br

Poetisa desde 2005.

Meus blogs:

<http://leni.martins.blog.uol.com.br>

<http://poemagotico.blogspot.com>

O ALGOZ

Autor: Marcus Gonzallez

Estava de costas contra a parede, braços abertos, grandes pregos de nove polegadas fincados nas mãos espalmadas afixando-as à parede; nu, joelhos quebrados. Não conseguindo se manter de pé, o peso do corpo lhe rasgava as mãos. A dor, lancinante, tornava-se então insuportável a ponto de o obrigar a tentar se erguer.

As articulações do joelho queimavam como brasa, de dentro pra fora. Caía. Nessa balança torpe se partiam nervos, pele, ossos e juntas. Desmaiou. O corpo pendendo pra frente com os braços pra trás em V.

O Algoz se aproximou. Na mesa de aço com precisos filetes de sangue repousava um cutelo, reluzente, brilhando de tão limpo, pegou-o. Viu os próprios olhos refletidos e os observou com inusitado espanto. Voltando-se para a vítima o agarrou pelos cabelos de fios longos e ergueu-lhe a cabeça com violência. Um pescoço branco e molhado, de pele grossa, se exibiu miserável. O rosto encharcado de suor, os dentes quebrados; salivava muito, a garganta ressonava em um som gutural, profundo e intermitente.

O Algoz se agachou aproximando seu rosto inexpressivo como que para ouvir melhor aquele som. Sentiu o odor salubre que exalava dos poros dilatados. O cheiro do medo. Fechou os olhos em deleite, gozando aquele momento. Lambeu todo o rosto do homem inconsciente. Sentiu na língua a aspereza da pele com barba por fazer e gosto de sal.

Ergueu o cutelo que segurava na outra mão, o desceu com força no pulso esquerdo do homem nu separando a mão do resto do corpo. Lascas de parede se misturaram ao sangue. O corpo pendeu para a direita preso pelo outro braço. O cutelo foi novamente em direção ao alto, apontando o telhado do armazém velho. Caiu em um arremedo de violência decepando a mão direita.

A gravidade puxou o corpo maneta para frente; a cabeça embicou lançando-o de testa no chão. Tombou para direita ainda desmaiado, grunhindo e debatendo os braços em espasmos esquizofrênicos.

O Algoz caminhou seus passos vagarosos e sem emoção que o levaram até uma velha fornalha. Ele a abriu. Com um pegador velho e enferrujado agarrou os dois braceletes incandescentes. Se voltou à vítima que ressonava alto e salivava ainda mais. Com a ajuda de uma pinça menor encaixou os braceletes nos pulsos que minavam sangue. A cauterização foi imediata e o cheiro de carne queimada invadiu as narinas do Algoz, grudando nas mucosas como moscas em papel-cola. A vítima convulsiva se debatendo sobre o sangue que lambuzava o chão.

Arrastou o corpo semimorto até um tonel cheio d'água e o depositou lá dentro. Ensaboou todo aquele corpo sujo de sangue e suor. Esfregou a bucha cuidadosamente, lhe raspou a cabeça e fez-lhe a barba. Agora ele estava limpo. Com esforço, porém, com muita cautela, deitou-o em uma maca de hospital, fria e sem lençóis, inoxidável.

Os passos desritmados do Algoz desta vez o guiaram à enorme porta que selava a câmara fria do frigorífico. Levou suas mãos cinzas até à alavanca mecânica, que com um estrondo alto, que ecoou por todo o armazém vazio, destravou-a, a deslizando pesada para a esquerda. Apertou o interruptor acendendo as luzes que piscavam cadenciais.

Carcaças de animais pendiam de ganchos, congeladas. Dezenas delas. Organizadas em fileiras na grande câmara.

O Algoz se adentrou no recinto indiferente ao frio cortante, com seus passos de homem morto. Avistou no fundo da câmara uma pequena caixa de metal. De seus olhos escaparam um fraco brilho, oblíquo de satisfação. Achava que estava feliz. Talvez aquilo que sentiu fosse felicidade.

Caminhou seus passos vazios e arrastados. Foi buscar sua caixa. Ao alcançá-la seus lábios tremularam esboçando algo semelhante à um sorriso. A segurou, preciosa, exposta de frente

os olhos como jóia rara. Não se contendo, a abriu pra dar uma espiada.

Ouviu-se então o som áspero dos milhares de microscópicos cristais de gelo se partindo esmagados pelas dobradiças. Ao ver o conteúdo prendeu a respiração, obstinado, como um garoto em uma noite de natal ao encontrar seus presentes.

Um estrondo ecoou na amplitude da câmara fria ricocheteando nas paredes. O Algoz se virou e viu a porta que se fechava lentamente. Fechou sua preciosa caixa e deixou seus passos descompassados o levarem rumo à saída.

Do outro lado o pobre diabo se arrastara pelos cotovelos, levando consigo as pernas mortas. Dos pulsos, da cabeça e das pernas eram emitidos impulsos pelo sistema nervoso alertando seu cérebro da grave situação. O cérebro, por sua vez, traduzia-os na linguagem que melhor entendemos: A dor. Entretanto, maior que a dor, é a vontade de viver. Ao acordar e ver o Algoz na câmara fria percebeu a única chance de sair vivo dali. Mesmo com o choque de se ver sem as mãos, conseguiu se arrastar, como um verme, até a entrada, e agora, desajeitado, empurrava a pesada porta de ferro que se movia devagar por sobre seus trilhos, rangendo.

O Algoz caminhava seus passos sem emoção, movia as pernas uma por uma e olhava sua caixa muito limpa que abrigava seus brinquedos limpos e reluzentes. Esterilizados. Esboçou mais uma vez aquela coisa que devia ser um sorriso. Ele queria se divertir, como qualquer um. Todos se divertem, cada qual à seu jeito. Aquele era apenas o jeito dele. Vinha tendo uma noite agradável. Uma noite especial. Conheceu-o “Como era mesmo o nome dele?” naquele bar escuro - Achou que se se esforçasse poderia lembrar o nome - Era um homem que se mostrou muito culto e gentil. Ofereceu uma bebida para o Algoz, mas o Algoz não bebe. Não gosta de nada que possa lhe afetar a consciência.

la naqueles bares só para conhecer caras legais, que gostavam de se divertir, como aquele.

Esbarrou em uma das carcaças penduradas, que então

balançou, ele a olhou e se lembrou do nome deste. Se lembrava... Sim. Este tinha os braços fortes e bonitos. O Algoz os amputou e costurou-os em uma carcaça de boi. Costurou os braços e a cabeça à carcaça. As mãos estavam lá fora, junto com as outras, pregadas na parede. Ornamentos macabros naquele armazém cheio de maldição.

Dava seus passos mortos, admirando suas obras de arte ali penduradas. Sua coleção particular. Cabeças de boi em cadáveres humanos, porcos com pernas e pênis humanos. Sentiu novamente aquela coisa que devia ser alegria ao imaginar como faria com este. Mas e a porta? A porta se fechava devagar. Pensou que alguma coisa estava errada. "Isto nunca aconteceu" Pensou o Algoz. Mas estava em êxtase com as possibilidades de criação. Lembrou-se novamente de quando conheceu aquele homem no bar escuro. "Castelo". - 'Olá, meu nome é Castelo. Não quer se sentar pra me fazer companhia?'

Esse é o nome..."Castelo" Como os castelinhos de areia que nunca fez. Ná memória veio algo estranho. Não entendeu. Algo relativo à sua infância. Não soube o que sentiu. Castelo lhe ofereceu uma bebida, mas o Algoz não bebe. Castelo sim, bebeu muito, segurou a mão do Algoz, acariciou-a. Chegou mais perto e começou a lhe beijar. O Algoz não sabia o que achar quando faziam isso. Desde criança era assim. O pai o beijava também. Beijava e tocava como esses homens desses bares escuros gostam de fazer. Ele não sabia o que achar, mas considerava que fosse uma troca justa. Eles se divertiam com ele e depois ele se divertia com eles.

Ele e Castelo saíram do bar escuro com cheiro de fumaça e o Algoz o levou até seu esconderijo secreto. Lá deixou Castelo se divertir à vontade. Fizeram muitas das coisas que seu velho pai gostava de fazer. Aquelas brincadeiras secretas, como o velho dizia. O pai era açougueiro, e ao fim do expediente, fechava o açogue e fazia o que queria com seu filhinho.

Ria muito. Esfregava gordura no corpo do garoto e o lambia e esbofeteava. Obrigava-o a comer carne crua enquanto o penetrava. Ficava até altas horas da madrugada nos fins de

semana. No fim, expelia seu sêmen sujo na cabeça do pequeno e depois se sentava e fumava um cigarro.

Ao ficar mais velho o Algoz decidiu que queria se divertir também. Ele tinha a sua própria idéia de diversão e julgou que era seu direito. Em uma daquelas noites, quando seu papai saciou sua jactância orgástica e se sentou pra fumar, o Algoz pegou um cutelo engordurado e o cravou na nuca do velho de calças arriadas. O pai levantou-se de um salto só, assustado. O cigarro caiu da boca e ele debatia os braços para trás tentando alcançar o que quer que fosse que parecia lhe arrancar a alma. O cutelo balançava. O sangue jorrava forte, esguichando nas paredes. O velho se movia engraçado. O Algoz adorou aquilo e riu muito. Dessa vez ele estava se divertindo. O seu velho pai perdeu então o equilíbrio e caiu de cabeça sobre o balcão de vidro, quebrando-o e afundando o rosto em uma bacia de fígado cru. Debateu-se um pouco mais e então parou, desta vez, pra sempre.

O Algoz se divertiu muito. Riu como nunca e ali mesmo o esquartejou, separou as partes e pôs a carne junto as outras do açougue. Vendeu toda aquela carne. Ouviu muitos elogios sobre a qualidade do produto. Depois conheceu esses bares escuros, com cheiro de tabaco e álcool, onde sempre haviam caras legais que gostavam de se divertir com ele, mas agora, ambos se divertiam, cada um ao seu modo.

Com esforço Castelo conseguia rolar a pesada porta, faltava pouco. “Esses maníacos desgraçados, maníacos desgraçados” Algo assim rodava em sua cabeça. Ouviu um baque forte seguido de um clic. A porta se fechou. Soltou uma gargalhada curta e demente. Se arrastou para a frente da porta e viu o trinco fechado. Começou à rir histericamente e caiu num choro forte. Chorou muito alto.

Olhou suas roupas jogadas no chão perto de um colchão velho, não muito longe, e se lembrou de seu celular, discaria com a língua pedindo socorro. O pior já havia passado.

A porta selou-se num som pesado e surdo. O Algoz achou estranho. Aquilo nunca ocorrera antes. Ouvira falar de pessoas que morreram congeladas, esquecidas trancadas dentro de

câmaras frias. “Deve ser um jeito triste de morrer” Um pensamento fraco nesse sentido embaçou sua cabeça. Não sabia se estava triste ou feliz. Não entendia dessas coisas. Pensou nas pessoas que morreram daquele jeito. O frio lhes apertando os pulmões, endurecendo-os. Sem ter como destrancar a câmara por dentro, essas pessoas eram depois encontradas com o semblante em uma expressão eternizada, de pavor. Pensou no quanto era importante ter aquela câmara moderna, que destrancava por dentro e por fora, não gostava de sentir pavor. Talvez sentisse isso quando seu velho fechava as portas do açougue. Levou as mãos cinzas até a alavanca mecânica, destrancou a porta e a rolou para a direita. Olhou para a maca e a viu vazia. Sentiu algo semelhante a tristeza. Ouviu então um gemido engasgado à sua direita. Lá estava seu amigo Castelo. Arrastava-se nu e patético, suando e sujando-se no chão. Teria de lavá-lo de novo. Abriu novamente sua preciosa caixa metálica. Lá estavam seus brinquedos. Todos muito limpos, polidos, reluzentes e afiados. O Algoz gostava de tudo muito limpo.



Marcus Gonzallez

Marcus Gonzallez é músico, escritor e apreciador do que lhe atrai, seja isso lícito ou ilícito. É romântico, arrogante, diligente e descartável como um copo de plástico, porém tem lá suas utilidades e pode ser reciclado; o que acontece com frequência em seus relacionamentos amorosos. Compõe canções como quem toma banho de chuva, com o pé atrás, meio incerto se deveria ou não fazer isso. Muitos acreditam que não deveria, outros tem certeza de que ele não deveria mesmo, tire suas próprias conclusões em:

www.gonzallez.palcomp3.com.br

Escreve como um garoto que rabisca paredes, despreocupado se tá fazendo besteira ou não. Se diverte. Está se aproximando dos 30 anos e não sabe bem o que isto significa. Tem apenas uma certeza na vida, a de que nasceu, está no mundo e seja o que Deus quiser. Não tem certeza de que vai morrer, mesmo que isto seja absurdamente provável. É um otimista .

NEFASTO

Autora: Sirlei Lima Passolongo

Olhos

Dilatados

Encharcados da lágrima

Que teima em rolar

Rosto

Atordoado

Amargurado pela dor

Que teima em queimar

Peito

Dilacerado

Angustiado pelo amor

Que teima em sufocar

Corpo

Desgraçado

Enfado da espera ...

Da morte...

Que teima em demorar.

MEU ÚLTIMO GRITO

Autora: Sirlei Lima Passolongo

Hoje,
O meu lamento é finito.

Hoje,
Ouviste meu último grito.

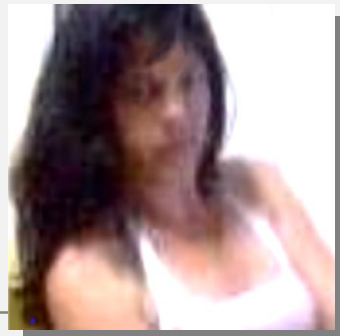
Rasgo meu peito
Apunhalado...
Ferido.

Sangro meus olhos
Abatidos...
Cansados da escuridão.

Hoje,
Ouviste meu último grito.

Estou sepultando meu sofrimento
Tal qual o corpo que vai à vala fria
Levando seus segredos, suas paixões
Eu me despeço dessa dor... Dessa vida vazia

Hoje,
Estou sepultando você!



Sirlei Lima Passolongo

Sirlei Lima Passolongo
Mora em Cianorte, Paraná.
Professora, tem 38 anos, casada, mãe de 04 filhos e ama poesias.

MATA-ME

Autora: Mali Ueno

Pagou-me para esquecer
de tudo que me fizeram
Te bato por mero prazer
depois que me disseram

Sou louca, morta
desastrada e furiosa
Você me fincou
toda a dor, e agora digo
te mato, e agora

Que me prendam,
que me arrastem
te matei, e é tudo

matei minha dor,
é tudo que pude fazer

Ainda lembro do teu sangue
esguichando como foz
marcando meu gosto
de ser tua algoz

VOCÊ

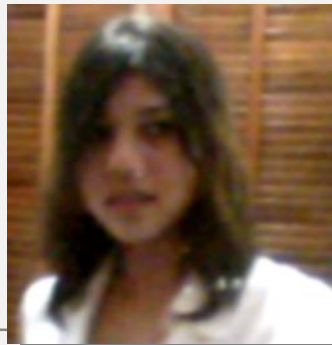
Autora: Mali Ueno

E surge
em mares defuntos
com cores de mundos
de tom rococó

Botas peroladas
capota capitulada
presença melancólica
uníssonas e únicas

Perceptível a coração nu
Como a claridade do luar
Infringindo meu perdão
Profanando meu ser

Vai como chegou
a cavalos falaciélicos
Procurando outra
para a vida arruinar



Mali Ueno

Mali Ueno é uma recém escritora de alguns talentos e muitos defeitos. Utopista incorrigível, às vezes até intragável, tenta incluir-se no mundo literário de alguma forma extravagante e imprópria. Seus raros leitores a percebem com traços indefinidos e perdidos num lapso temporal.

O CRISTO ESQUECIDO

Autor: Gustavo Soares de Lima

Do meio da sarjeta
Ele vem
Tropeça e se esparrama

Na calçada vê a lua

A puta que passa
Num desdém
Chuta-lhe a testa

Outro, porém lhe acesa:
*Levanta daí cara, me dá um abraço
E feliz ano novo pra você também...*

QUE DELÍCIA

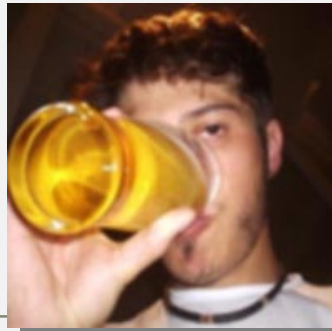
Autor: Gustavo Soares de Lima

Gozei na puta,
Um erro mortal.

Agora eu e ela fadados.

Sintomas que causam arrepios
Os dedos tremem, e a boca sua.

Até chegar em casa, pensamentos trituram.
Se ao menos triturassem meus órgãos...



Gustavo Soares de Lima

Gustavo Soares de Lima nasceu em Curitiba por erro de cálculo. Era uma tarde idiota quando dona Carla pariu esta aberração, agora só resta tentar reparar o erro recorrendo à escrita num blog angustiante. Escreve também, além do blog angustiante, para o Jornal Metropolitano e de vez em quando para revistas que raramente aceitam seus textos. Cansado de ser negado, decidiu criar sua própria revista e editora. Não satisfeito em aniquilar o trabalho alheio, agora decidiu aniquilar o próprio. Além disso, é o único que escreve para a porra do blog chamado Sem Arte...

Blog do autor: www.soletario.blogspot.com

Editora do autor: www.editorainverso.com

E-mail: gsdelima83@uol.com.br

QUEBRA-CABEÇA

Autor: Daniel Portes

A sirene soa. Os alunos deixam as salas em meio a uma desenfreada correria.

Seria mais um dia comum – mais um recreio comum – senão fosse por um detalhe: o maldito jogo de quebra-cabeças.

No pátio da escola, avisto uma figura estranha: um menino tímido, mas com um olhar misterioso, vazio... um olhar de arrepiar até a alma do mais puro pecador.

A figura imóvel no meio do pátio chamava a atenção de quem passava por ali. Não me atrevi a tentar explicar aquela situação, afinal Sigmund Freud tentou entender várias coisas que até hoje vão além de nossa vã filosofia.

Aproximei-me com um ar de inquietude devido à situação e perguntei:

_ Oi, tudo bem? – O garoto apenas me fita com destreza. Nenhum som, nenhum movimento, apenas um olhar vazio era o que eu via naquele momento.

Tento novamente:

_ Oi, como se chama?

Aguardo alguns segundos na ânsia de ter sido correspondido... vácuo... vazio... nada! Um rapaz batendo a mão em meu ombro dizia:

_ Não perca seu tempo, ele não fala, não sai daí desde a hora que o recreio começou. Não passa de um retardado, como você que está aí tentando fazer algo acontecer.

Abaixei a cabeça consentindo tal afirmação.

_ Retardado de fato eu não sou, mas para que ficar ali se não tive aceitação? – Pensei e nessa hora me afastei.

Uma voz tímida e praticamente inaudível me chega aos tímpanos:

_ Rafael. Meu nome é Rafael.

Olho para aquele rosto franzido e um sorriso de meio-lábio me permitiu nova aproximação.

_ Prazer.

_ O que você quer?

_ Eu? Nada. Apenas fiquei curioso por saber o que faria uma pessoa parada aqui no meio do pátio feito dois de paus.

_ Estou procurando alguém pra brincar.

_ Legal, de que você quer brincar?

_ De quebra-cabeças, mas não encontro ninguém.

_ Se quiser, posso brincar com você.

_ Você quer?

_ Se você quiser.

_ Adoraria.

_ E o como vamos fazer? Você já trouxe as pecinhas?

_ Já sim. Estão espalhadas por aí.

_ Então vamos começar, senão o recreio vai acabar.

_ Ta certo. Senta aí, vamos jogar.

Um barulho oco se fez ouvir, parecia que meu cérebro iria explodir. Dor, suor e palpitação. O que está acontecendo? Porque estou estirado no chão?

A poça de sangue que ali formava bem devagar me refrescava. Frio, cansaço, preocupação.

Um pedaço de madeira despenca diante de meus olhos, quebrado ao centro com manchas de um líquido escarlate.

Olho para Rafael que se ajoelha em minha frente, calado, com um sorriso envolvente aproxima a boca em meu ouvido e com uma voz tímida e serena finda essa sensação horrenda:

_ O jogo acabou!

Daniel Portes



Daniel Portes. Nasci no dia 16 de maio de alguma época, na cidade de Contagem, em Minas Gerais. Desde criança me interessei por fenômenos sobrenaturais. Em minha adolescência, a curiosidade e algumas experiências reais fizeram-me pesquisar e ler livros relacionados ao vampirismo e à bruxaria, onde pude-me inspirar e dar início ao meu lado poeta. Sensitivo, admirador de poemas da época do Romantismo, comecei então a escrever poemas sombrios e espalhá-los pela internet, atingindo o círculo gótico e vampírico.

Toda essa experiência me levou a escrever o meu primeiro romance de terror, 'O Mundo dos Vampiros' que foi lançado pela editora Novo Século no dia 03 de setembro de 2005. Este livro foi escrito em parceria com a artista plástica e escritora da cidade de Itajaí - SC, seu nome Arieni Dissenha.

FRENTE FRIA

Autor: Doctor

O cara só queria conversar, apenas isso. Divagar sobre frio, sobre as roupas cheirando naftalina, sobre a benesse da geada contra as pragas e ...

– Será que neva? – disse esfregando as mãos para aquecer.

– Sei lá. – respondi, sem saco para tanto.

Tive a impressão de que essa pergunta foi bem provocativa e explico o porquê: Faz aproximadamente trinta e sete anos que não neva. Eu nem havia nascido nesta última vez. Ainda assim o “hominho” continuou:

– Tem planta que não se “adapita”! Morre na primeira geadinha – adapta idiota! Adapta-se – sem contar ainda à solidão! Que tristeza é a solidão no inverno, né?!

Por que esse filho da puta vem falar em solidão, caralho? Essa “conversa” tava um saco, mas, só isso, sem maiores resultados. Eu, fingindo escutar e concordar, enquanto ele praticava à língua dos seus pais com o primeiro idiota que encontra. Tudo certo, ok! O mais normal e corriqueiro possível.

Mas não! O lazarento tinha que tocar na ferida, cutucar a chaga do século pontualmente às sete da manhã, em pleno ponto de ônibus suburbano e abandonado da ZN de Curitiba. E continua:

– Para quem não é casado feito eu, dói no coração só de pensar!

– É...

Porra! Eu não queria dizer “é” como se concordasse, o que esse merda merecia é umas porradas pra deixar de ser loke ! Quer cagada maior que essa? Fazer-nos refletir sobre um assunto comum a todos, depois do puto esforço empregado por nós pra levantar-nos de nossas camas, encarando uma temperatura de -1 grau (e sensação térmica de -5), com a cara inchada e à coragem (necessidade), tendo alguns que – como eu – até banho tomaram

pra sair! Isso não se faz cara. Por que ele não fala dos “carinhas” que morrem toda semana aqui na vila? De maneira estranha, isso é até reconfortante. Saber da desgraça alheia induz a produção (endorfina). Talvez, por nos fazer sentir alívio ou... É algo como: antes eles do que eu, ou, sei lá. Esses comentários são até revigorantes, sombriamente revigorantes, não há um ser que não tire algum proveito da finitude alheia.

Porém! O merdinha tinha que me fazer lembrar de que eu não beijo uma boquinha e sua dona já faz um bom tempo. Lembrar-me que ontem, quando ao cair gelo lá fora, eu sentia ser possível abrigar todas às mulheres do mundo em baixo do meu cobertor, de tão imenso que o espaço ali representava. Eu não estava pensando em nada disso, até então.

Continuou:

– Se não fosse umas “canha” que eu entorno, não sei não... Já tinha feito merda!

Oh! Mas que gênio se revela o hominho! Por que eu não pensei nisso antes?! Isso mesmo! Encher à cara! Se emborrachar! Lógico! Facilita tudo!

Escuta aqui ô, (mais coisas que eu deveria Ter dito) ainda tô com o gosto do porre de ontem na boca, meu camarada. Tomo cada gole como se fosse um beijinho quente de fêmea, sinto ser tão fugaz como se realmente o fosse! Então, vê se para com suas lamúrias de solteiro romântico fora de hora.

Olha aí! Esse papo já tá afetando à moral da “tropa”! Não ajuda em nada preencher nossa mentezinha vazia com o óbvio, a caminho do nosso serviço repetitivo e humilhante.

Pois é! Em vez de eu tocá-o-terror em cima grilo falante, consenti:

– Pois é! Uns “goró” ajudam até a esquentar a carcaça. – Ah, se ele lê-se pensamentos, ficaria puto! Se eu não fosse paciente, putz! Esse cara “tava” ferrado comigo!

Mais uma pergunta cretina:

– E você? Já tem um “cobertozinho de orelha”? – risinho banguela mostrando a língua verde de mate.

Aí já é demais! Será que ele tá querendo fazer um senso dos “fudidos” da vila? Ou mais! Talvez até uma página no orkut: Solitários Unidos ou Solitários procuram? Mantendo assim, todos os “fudidos” ligados pela causa em comum de busca por companhia?

Não. Ele talvez nunca tenha ouvido falar em orkut. Também não parece ser do tipo “antenado” (odeio essa palavra). Trás no ombro uma mochila chapiscada de cimento, com alguns objetos pontiagudos e uma coisa redonda, da qual tenho certeza ser uma marmita. Nas mãos, o cartão da passagem de ônibus, seguro de maneira firme pelos calos duros que ostenta na palma. Respondi:

– Tenho uns rolos por aí. – não admiti estar só, (uns rolos?) acho que disse isso para que ele não pensasse que temos algo em comum.

– Que bom! – com olhos tristes, responde atento ao ônibus.

Então surge o ônibus por trás da curva. Agora todos vão fazer o que sempre fazem, resignar-se até a hora de voltar pra casa. Chiru (seu apelido era esse) entra no lotação, suspende as curtas pernas para os degraus, segura firme o corrimão da porta com as palmas nuas e reclama: – ai que gelo! – Ele não tinha luvas, trajava apenas uma calça Jean’s surrada, uma grossa jaqueta desbotada do Chicago bull’s , botas de couro gasto e uma touca de lã “enfeitada” com as bolinhas do cobertor.

Sento no último banco. Aqueles mais altos da janela traseira. Desembaço o vidro com as costas da luva, olho para fora apenas para admirar o espetáculo branco do inverno, essa capa severa de gelo, que não poupa nada nem ninguém que se exponha ao relento. Versátil, ela se “adapita” em qualquer relevo, desde cachorro morto, gramas ralas, sacos de lixo, sentimento de

culpa, etc, etc.

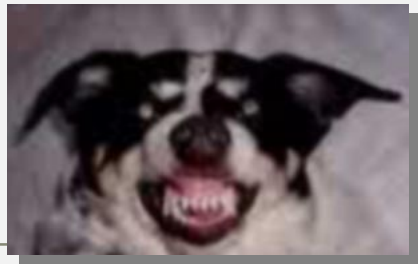
Sei que fui grosso com o Chiru, não externamente, mas internamente, deu vontade de socar o infeliz, porém, não foi pra tanto. Será que ele se sente mais solitário que eu? Existe uma medida para isso? Não sei. Tudo o que sei de solidão, se conta nos dedos da minha mão direita, ainda estou puto pelo ocorrido, muito mais por aprender novas formas desse mal. Olhando poucas vezes para os olhos – semi-cobertos pela toca encardida e desfiada – do Chiru, pude perceber que naquelas “bolinhas” pretas e flutuantes, que se espremiavam nos rasgos puxados dos olhos, tudo sobre a tez sofrida de quem não tem medo de porquê, (mesmo não sabendo ser inútil perguntar tanto), existe um cara que não quer desistir assim tão fácil, pouco importa quantos sacos serão torrados no caminho.

Ele não tem à intenção de transcender qualquer metafísica que seja. Suas dúvidas são humildes e funcionais, e estas, pedem apenas respostas paliativas que lhe mantenham a esperança viva por mais um dia que seja para poder continuar nesse mundo do qual, ele, já desistiu de entender a anos. Não é pedir de mais (acho), é? E eu, orgulhoso demais, ainda estou tentando entender o mundo. Creio que existe algo de unitário em tudo isso, algo que permita florescer um satisfatório desfecho perante tais mazelas. Tenho medo de me tornar ele! Tenho medo que minhas perguntas também diminuam de tamanho e intensidade, que peçam apenas o necessário para a sobrevivência conformada.

Ele só queria conversar divagar sobre o tempo, sobre o cheiro de naftalina e mofo nas roupas de inverno guardadas no maleiro. Ele só queria ter alguém para conversar, mas, solitários não são boas companhias, todos estes, tem muito poucas vantagens para enaltecerem-se perante seus pares.

Dois dias depois ele morreu, – queda de um andaime. Disseram que ele não sofreu na queda, foi instantânea morte, rápida. Seus pedaços se espalharam por toda a calçada de frente ao prédio.

Não tive pena quando soube do ocorrido, na verdade, eu senti uma espécie de alívio. Não por mim, mas por ele. Torço, para que agora ele esteja em algum lugar onde não sejam necessárias perguntas ou respostas. Tenho quase certeza de que ele não escorregou e sabe bem o porquê de ter se jogado.



Doctor

Leandro de Almeida. 25 anos, Curitibano, residente na zona norte da capital do Paraná e que lê mais do que escreve. Às vezes acha um desaforo ter tantos clássicos na estante e ainda assim, se senta para escrever os seus mal traçados textos. Interesse-me por artes plásticas e poesias irreais. Frase predileta: “Uma pedra voando faz mais sentido do que eu sentado”.

ZÉ

Autor: Glauber

_ Não teve jeito, acho que só você mesmo poderia me ajudar nessa hora. O regulamento era bem claro: “Concorrem contos góticos, de temática sombria, versando sobre assuntos como perda, solidão, morte, choro, vela”. Você ainda não sabe, mas já participei de vários concursos literários sempre em busca do reconhecimento e da fama, mas nada consegui... Meus poemas de amor foram considerados melosos demais; meus textos infantis, muito herméticos; as crônicas? Magras e fora da atualidade. Os contos de temática social soavam falsos e forçados, sabe como é: não to muito preocupado com o social ou o próximo... Então entenda, não é por bobagem que ajo assim, você terá a honra de poder me ajudar, sua história será conhecida por todos e meu personagem principal será batizado com o seu nome... Não será mais figurante, mas personagem principal de uma história! Você tem RG por aí, não tem? CPF, alguma coisa, pra saber seu nome completo?... Bom, então é isso. Obrigado mais uma vez e, não liga não, acho que você já está acostumado com perdas, não é?

Encerrado o discurso, o escritor retira do ventre do mendigo o velho punhal com cabo em marfim, o seu preferido. Além da literatura, tinha por hobbie a cutelaria.

Alegra-te! Ao menos, agora, tenho uma história sombria pra contar.



Glauber

Glauber. Nasceu em Minas, mora em Brasília. Escreve contos e tem participação em algumas antologias, como a do 7º e 9º Prêmio Missões (Roque Gonzales - RS) e Modernos Contos Brasileiros, volume 4, da Editora Alba (Varginha - MG).

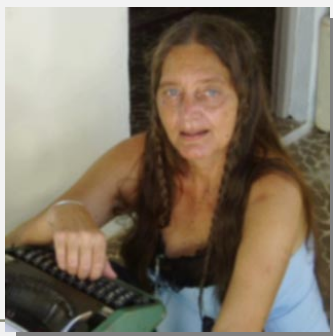
NOITE RUBRA

Autora: Angela Oiticica

Deitei-me e dormi ao som do vento. Meu corpo flutuava sobre os mausoléus. As luzes das velas convidativas balançavam suas chamas. Me encontrava agora num grande salão, cercada por antigos persas e ancestrais vampiros.

Um príncipe persa, vestido de veludo e sedas, me levou a penumbra de um aposento coberto por rococós dourados. Deitou-me em uma cama; despiu-me, e sua boca ávida me procurava o sexo. Entre os gemidos de prazer e os orgasmos, senti seus dentes me dilacerando a jugular num gozo último. Permiti que me bebesse a vida, por temer, que suas mãos e boca ávida não me procurasse mais o sexo. Assim, me entreguei rugindo, entre brutas contorções e gemidos dengosos, enquanto ele ria e me possuía mais e mais ainda.

Acordei pela manhã, em meu quarto, com o sol me dando um certo mal estar. Fechei a cortina e voltei a dormir, ouvindo ao longe um telefone que tocava sem parar. Não atendi, já não me interessava. Aguardava agora as volúpias rubras da noite, que me desnudava prazeres, nunca antes obtidos.



Angela Nadjaberg Ceschim Oiticica

Angela Nadjaberg Ceschim Oiticica, 58 anos, escritora, pintora, astrônoma e tradutora. Mora em Maceió, Alagoas.

Quem sou eu:

Transfiguro a mim mesmo ao infinito. Também me transformo no transfinito. Acendo dúvidas e jogo-as ao léu. Sou escritora, poeta, tradutora de Inglês, astrônoma. Gosto de viajar e conhecer coisas.

LIVROS:

-**Rockyes** (Que também tem edição Inglesa na FanStory) em Português.

-**Sambaya Blondy Quetzalcoatl** (folheto) a aventura de uma mulher jovem no mundo real e no da fantasia.

<http://angelaotitica.blogspot.com>

<http://www.fanstory.com/selectprofileportfolio.jsp?userid=161043>

<http://www.quizilla.com/users/nave323/poems/63387/posthumous>

REGISTRO CALOROSO DA VISITA DE UMA ALMA PENADA

Autor: Rita

Oh criatura indócil e machucada... Invade-me com a tua estranha doçura!

Brilha!Gira!Estupra... Viola! Faz a tua marca de amor embebido em sangue.

Ser da noite e das águas.

Quem és tu que me olha com olhos de valsa em desarmonia, de medo e de agonia?

Leva logo a minha alma!

Rouba profunda a minha sina!

Evitamos-nos em beijos rotos e ensandecidos.

Animais asmáticos e sedentos... Filhos de uma pavorosa alquimia.

Almas consumidas, chupadas... Vagando... Desmaiando no canteiro das flores cortesãs.

Rindo alto na igreja onde ainda habita o feroz coração da Inquisição.

Ardendo errado e bonito na fogueira por mentiras baratas.

Vendendo a alma ao Diabo por uma única maldita palavra... De carinho, de amor, de atenção... Um Puta que Pariu que pare tudo e que isso não seja contramão

Minha criatura imaginária eu te saúdo com os pulsos abertos e uma rosa em botão!

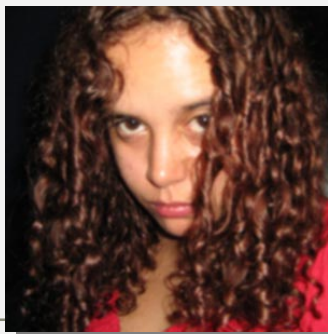
Sua espessa liquidez me encanta os poros.

Seu vazio redondo me deixa doente... Em um mundo que meus olhos não podem mais comer!

Eu te escuto, pois seus passos são sonatas e sua voz é como a trombeta que se toca na porta do inferno... Por um lindo anjo... Que se auto consome em sonhos malignos.

O que queres que tanto me sussurre a palavra solidão? E vejo o ardor nos seus olhos que jamais um ser humano me presenteou... Escandaloso e mesmo assim delicado...

Isso! Vem suave como um elefante... Como a fera errante... E me leva no colo como uma encomenda para Deus... E que ele me aceite mesmo afoito... Vou mesmo deixá-lo louco! Como deixei você...



Rita Maria de Assis

Chamo-me Rita Maria de Assis e tenho 27 anos. Mas sou a Rita Medusa, não petrifico ninguém, ao contrário tenho o coração petrificado por muito amor obscuro. Sou marcada, desde pequena por uma terrível sensação de estranhamento pelo que me cerca. Desde os 16 anos preferi me isolar, em uma ilha de sonhos e devaneios, ler e escrevo muito, algo que se tornou obsessivo.

Optei por fazer faculdade de Psicologia para aprofundar-me no abismo do inconsciente e da alma humana. Formada desde 2004, nunca exerci. Minha profissão real é sonhadora. Envolvi-me também com o teatro, com a dança, com a pintura e com diversas vertentes das artes. Sou apaixonada por cinema e música. Mas minha sina são as palavras...

Vivo um estado de encantamento e paixão pela vida que me causa náuseas e sou ninada por uma grande melancolia.

Este ano pretendo me especializar em Psicopatologia (estudo das doenças mentais, ou da "loucura" se assim o leitor o preferir) e finalmente começar a exercer minha profissão em um serviço voluntário.

TRILHOS

Autor: Ociné

Pertenço a uma pilha de grandes tijolos, de um tipo fora de uso, que formam esta velha casa de porta para a calçada. Um subúrbio antigo atropelado pelo moderno da cidade, que passou por aqui e não se interessou por esta porção de histórias de vidas sem nenhum glamour. Um povo que nem percebeu o tempo que passou, que depois de uma vida ainda carrega enroscada na língua, a saudade no sotaque da terra.

Muitos anos de coletivos lotados formaram o meu ceticismo ranzinza. Pela Rua dos Trilhos, a última a renega-los, já balançava no aperto dos derradeiros bondes, que insistiram em vão em tentar segurar o tempo. Fui vendo chegarem os modernos com seus novos modelos, até o ar condicionado e tv, mas as pessoas do povo, sempre menos importantes, passam por suas vida espremidos nas conduções das manhãs e tardes do cumprimento de seus reles destinos.

Aqui, junto do meu puído sofá da sala, sempre está o também velho companheiro, que assumiu para si a minha descrença e deixou de abanar a cauda a mais de dez anos, depois da ida da velha. Faz-se presente no vazio da vasilha de ração e nos esbarrões em minhas pernas quando circulamos à tarde pela praça, nas horas do dominó. Também o percebo quando sai de sua preguiça e ergue a cabeça que está sempre caída sobre as patas, levantando as orelhas sem latir, olhando para a cristaleira do canto da sala, xodó da mulher quando em vida. Rezou tanto por um céu, anos a fio, me criticando por minha descrença, agora o cachorro me diz que ela está ali, cuidando dos vidros e certamente me vigiando. Atentava-me o tempo todo, lembrando do seu desagrado caso morresse e viesse a saber de alguma vagabunda deitada na sua cama.

_Não rezaste tanto mulher? Pois então vá de uma vez, ou vendo esse monte de trastes que amontoastes nesta casa!

Ela não consegue me atirar nada agora, mas sinto um arrepio na nuca, que deixa muito claro o mau humor de sempre, até o seu hálito de alho eu ainda consigo sentir, como se esbravejando nas minhas orelhas, como fez por toda a vida. Nessa hora me lembro daquele que disse o “até que a morte os separe”. O que ele podia saber? Pois que venha agora e a pegue pela mão, que a leve daqui de uma vez por todas.

Dou a mesma resposta ao vizinho que ri passando pela calçada enquanto pergunta:

_Falando de novo com dona Matilde, ou deu pra falar sozinho agora Chico?

_Vá você também para o raio que o parta, lá para o lado dela e diga que arranjei outra, muito melhor, mais bonita e que cozinha melhor também!

No final de tudo, depois de tanta graxa acumulada nas unhas, por quase cinqüenta anos de labuta, a morte se parece com um prêmio de rifa, que eu não ganhei, como todas as outras que comprei. Todo marido morre primeiro, menos eu, me deixei enganar por aquela, que se foi antes e fica de lá, querendo mandar na minha vida.

Ah! Mas não fique ela pensando que eu não me vingo, deixo toda a louça suja dentro da pia e penduro vinte cuecas no banheiro, tiro de lá quando eu quiser.

_Quem manda aqui agora? Rhum!



René Ociné

René Ociné, nascido no experimento de um aventureiro das cores, que depois do óleo, acrílica, guache, mouse e lápis de cor, descobriu as letras do teclado do computador e resolveu tenta-las. Maravilhado com as nuances e tons possíveis, segue colorindo a vida com letras, enquanto conseguir enxergar a beleza que nelas permanece adormecida, esperando para ser dita.

A PORTA DO INFERNO

Autor: Ruy Villani

Na porta do inferno escancarada
De cara a Belzebu, Rei dos capetas
Resiste minha alma estatelada
Em auras tão iguais quanto tão pretas

Forçando uma pergunta ao criador
De quem nunca se deu por derrotado:
Como é que sem “licença” ou “por favor”
Insiste em existir um outro lado?

Que fica renitente, provocante,
Se não no quadro, impregna a legenda,
Qual prenda ao revés, fica implicante
E faz mais que real o que era lenda.

Que sangra e ensina. Que sarcasmo!
Rompe sem nenhum dó tecido e veias
E exaure gota a gota em um espasmo
O todo e não só palavras meias.

Desfaz do meu pavor aranha e teias
Visões de ratazanas e lacraias
Ranger de dentes, choro de carpideiras
Mas lavo as mãos da troça que ensaias.

E busco, outra vez, outra saída
Que me substitua o pesadelo
Por lapso ou pedaço de vida
Enfim pensado, não por desmazelo.

EM PAZ

Autor: Ruy Villani

Em paz
Fingi ser inocente
E fechei a mente
Para nunca mais

Por mais
Que o canto de sereias
Me inchasse as veias
De um veneno vil

Nas mil
Ou nos milhões de noites
Que enfrentei o açoite
Quente dos lençóis

Por nós
Por mim e por minha alma
Enfrentei a calma
Alerta do que sei

Errei
E vi que essa guerra
Me grudou à terra
E me afastou dos meus

Adeus
Foi Deus que, em sua ira
Ajustou a mira
E me partiu em dois

Depois
Tocou sua trombeta
Abriu uma valeta
E me deixou p'ra trás

Aliás
Jogou uma semente
E seguiu em frente
Como sempre faz

E, em paz,
Fingi ser inocente
E fechei a mente
Para nunca mais.

Ruy Villani



Ruy Villani, 57 anos. Arquiteto e urbanista por formação. Aprendi a ler aos cinco anos de idade e não parei mais. Conheci a música mais ou menos na mesma época e, por pura preguiça, toco de ouvido. Escrevo por compulsão. Às vezes digo por brincadeira que é psicografia, mas deixa p'ra lá.

QUALQUER COISA DISQUE NOVE

Autor: MaicknucleaR

E aí, louca. Acho que a calota virou um disco-voador uns dois quarteirões atrás e não há como voltarmos atrás em nossas decisões sem coerência. Aperte o sinto muito, baby, e, para todos que já magoamos: um brinde enlatado, pois quando casar sara.

Se o erro é o caminho do errante, me passe a chave, pois não quero abraçar nenhum poste esta noite. Quero qualquer coisa que me infle o ego, me excite a alma. De riffs pesados à batidas violentas: quero você de quatro.

E aí, quer ir pra onde sobre o asfalto? Tocar o chão da terra prometida com o tênis furado? Tudo o que sinto é tão transparente, com limão e gelo. Tão esfiha gordurosamente gostosa. Tão sua mão acariciando minhas bolas embaixo da mesa.

E aí, tá feliz? Já fudeu no cemitério, com mais uma alma-penada de assistência. Vamos logo passar na conveniência, calibrar os pneus da noite e comprar seu mundo de marlboro. Preciso tomar uma ducha, suei feito um porco lúbrico; toxinas a dar com o Pau.

Ei. Acende este cigarro mágico e me passa o espumante. Meu globo ocular é ressequido por um ódio reprimido, mas comigo tu não corres perigo.

A película atmosférica deste asco que deus chama de firmamento, na Garoa Land, queima como aurora. Queima o horizonte cerrado, que ergue seus punhos de concreto contra o velho campeão, e impõem sua falsa credibilidade, na praça da velha cidade, carcomida pelo sustenido ácido da chuva...

Hou. Vamos pernoitar com a lua e dormir na capota ou ir la em casa e jogar o colchão no chão?... Sim, Devilicious. Ótima opção, agora que eu tenho donuts!. Mas como o tempo passa e a gente não vê: É 301 ou 307? Faz um, dois, ou ficamos aqui todo o fim de semana?



MaicknucleaR

*Maick “**MaicknucleaR**” Thiago Lenin (São Paulo, Capital, Parque Edu Chaves, 28 de setembro de 1981) é web-designer, escritor, produtor musical, vocalista, editor independente, projeto de roteirista e fundador do projeto-editora “Gatos Pardos”.*

O BAÚ

Autora: Me Morte

_Estão dizendo que a casa é assombrada...

_Não acreditou numa besteira dessas, acreditou?

Meu noivo havia pegado a chave na imobiliária, precisávamos alugar uma casa urgente. O casamento era no próximo mês e ainda não tínhamos onde morar.

_Por que o cara da imobiliária não veio junto?

_Ora meu amor. Ele confiou na gente, tinha outros compromissos, só isso.

Abrimos à porta da frente e ele entrou para me passar confiança.

_Venha Ana Elisa. Não há nada aqui, olhe.

Entrei e em alguns minutos esqueci totalmente dos rumores de assombração.

_A casa é linda! Olhe, uma lareira.

_Já pensou a gente namorando ao pé da lareira no inverno? Marcos me olhou com o olhar carregado de desejo.

Em dois dias fechamos o contrato e começamos a mobiliar.

_Amor. Amanhã não poderei vir. É final de mês, trabalho até tarde. Se quisermos a nossa lua de mel na praia tenho que deixar tudo certo na empresa.

No dia seguinte bem cedo, estacionei na garagem da nova casa. Precisava acertar os últimos arranjos, o pessoal da loja ia entregar nosso jogo de quarto, queria escolher as melhores roupas de cama, afinal íamos estreiar uma vida a dois ali. Foi quando ouvi uma voz me chamando. Parecia minha mãe.

_Ana Elisa. Suba aqui, por favor.

_Mãe? Minha mãe ali? Como ela tinha entrado? A chave estava comigo. Minha mãe não sabia que tínhamos alugado a casa. Será que Marcos havia contado e esquecido de comentar?

_Aqui em cima. Depressa. Socorro!

Subi as escadas correndo e percebi que a voz vinha do sótão. _Mãe... Está aí em cima? Subi a escada estreita e abri a pequena porta que dava acesso ao topo da casa.

_Aqui...

_Onde? Onde está você? O sótão estava vazio e só havia um baú num cantinho, meio escondido.

_Aqui. No baú. Venha rápido.

Eu senti um calafrio, mas não tive dúvidas, era minha mãe. Corri até o baú e o abri.

Era enorme e estava cheio de bonecas de pano.

_Mãe...? Uma das bonecas chamou minha atenção. Seu vestido era lilás e seu rosto parecia conhecido.

Peguei a boneca e fiquei admirando. Tive a nítida impressão que a boneca sorria.

_Ora. É só uma boneca. Joguei-a para dentro do baú e quando ia fechar a tampa senti dois braços fortes me empurrando para dentro da caixa. Foi tudo muito rápido e desmaiei.

O som vinha de muito longe. Parecia a voz de Marcos. Tinha mais alguém com ele.

_Fica tranquilo meu filho. Ela vai aparecer.

_Dois dias Dona Luiza. Dois dias sem dar notícia.

Era a voz da minha mãe. Estava escuro. Parecia que eu estava em um lugar trancado, sem luz, sem ar. Tentei gritar, mas a voz saiu fraca.

_Marcos! Estou aqui. Ajude-me! Não conseguia identificar o lugar onde estava. A voz do rapaz parecia se distanciar. Tinha que reunir todas as minhas forças.

_SOCORRO! Marcos! SOCORRO!

Foram gritos alucinados. Perdi a conta de quantas vezes gritei por socorro. Foi quando levei um susto: O telhado se abriu e um rosto enorme apareceu. Quase enfartei de susto. Parecia um gigante... Minha voz sumiu na garganta. Fiquei paralisada. Era Marcos e minha mãe.

_Ora Dona Luiza. Aqui só tem bonecas de pano. Eu não disse que era só sua imaginação? Saíram e desmaiei novamente.



Me Morte

Me Morte, pseudônimo de Mariângela, gaúcha dos pampas, de família pobre, neta de italianos e espanhóis, desde os cinco anos de idade já dizia que seria escritora. Poetisa gótica há dois anos, enveredou pelos caminhos do erotismo, estilo que já se tornou sua marca registrada.

No Orkut é moderadora do Vale das Sombras, comunidade onde realiza Concursos de poesias Góticas periodicamente.

Principais características: Arrojada, misteriosa e passional.

Vale das Sombras: www.orkut.comCommunity.aspx?cmm=8910225

Blog do Vale: www.valedassombrasmemorte.blogspot.com

Instinto: www.memorteme.blogspot.com

Me Morte...Contando Histórias: www.memortemari.blogspot.com

Psicografando: www.maripsicografando.blogspot.com



Rafael Pereira

“Autor da capa”

Nome: Rafael Pereira

Aniversário: 06/10/86

Signo: libra

Outros codinomes conhecidos: "Perera", "Tétis", "DN", "smile"

Ocupação Atual: estudantes do CEFET / RJ e desenhista nas horas vagas

Ocupações anteriores: Sempre foi mercenário...Onde tiver dinheiro, eu trabalho

Local de nascimento: Jacarépagua / Rio de Janeiro / RJ / Brasil

Estado civil: Solteiro

Base habitual de operações: Centro Federal de Tecnologia Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ

††† Vale das Sombras†††

Feliz Aniversário Vale das Sombras!
Feliz Aniversário a todos nós do Vale...



Me Morte nasceu quase junto ao Vale. Na verdade sempre gostei do goticismo. É uma atração inexplicável! O modo de vida, os pensamentos, atitudes, a maneira com que encaram a vida.

Mas nunca aceitei o lado rotulado do estilo: “que gótico só usa preto”, “que nunca sorri”, a ligação com “satanismo” e outros estigmas.

O que eu via nos jovens era uma necessidade de chocar os mais velhos, seguindo um caminho muitas vezes sem volta. Dizia-se gótico se já tivesse falado ou se ligado à morte ou suicídio. Era marca registrada aqui no orkut.

Foi daí que surgiu a idéia do Vale das Sombras. Um cantinho para se falar de literatura e goticismo. Fazer a ponte entre os dois. Versar sobre a morte sem precisar morrer. Levar as pessoas a uma melhor convivência com essa palavra que assusta tanto. E, finalmente, tirar esse rótulo de que para ser gótico se precisa necessariamente ser depressivo e em algum momento da vida ter atentado contra a própria vida.

No dia 23 de fevereiro de 2006 nascia o Vale das Sombras e a partir daí foram muitos concursos de poemas sombrios. No começo, tímidos, cheios de erros e tentando se enfiar de cabeça

no tema, o que era apaixonante. Depois, mais ousados, chegando mesmo a conta de 50 ou mais poemas por concurso. Hoje, periódicos, os concursos se tornaram vitais para o movimento. Sim, um movimento novo que rapidamente se instalou e veio para ficar. Muitos odeiam, tradicionais, não aceitam a mudança. Outros, mais abertos, agarram com vontade e já se dizem poetas góticos.

O Vale lançou há poucos meses seu primeiro blog e agora seu primeiro ebook. O primeiro de muitos, se depender de todos que se engajaram nessa idéia.

Feliz Aniversário Vale das Sombras!

Feliz Aniversário a todos nós do Vale...

por Me Morte

Vale das Sombras

Comunidade:

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8910225>

Blog:

<http://valedassombrasmemorte.blogspot.com>